

O contexto no nascimento da igreja

Ao nascer, a igreja cristã como uma comunidade de discípulos confrontou-se com um mundo confuso e mergulhado em mudanças. Jesus nasceu na plenitude dos tempos (Gl 4.4) como afirmou Paulo, ou seja, na hora certa do plano de Deus. Mas como estava o mundo no entorno da igreja naquele momento?

É importante destacar que a história do nascimento da igreja está entrelaçada com a história dessa região tensa chamada Palestina. Gonzalez destaca que por muitos séculos a Palestina foi uma região de conflitos, disputada por vários povos e palco de batalhas.¹ Relembrando: a Palestina ficou sob o domínio do Reino do Sul (Judá) após a divisão dos reinos de Israel. Após caiu sob o domínio babilônico com Nabucodonosor (600 a 560 a.C.). Algum tempo depois o Império Babilônico foi derrotado pelo rei persa Ciro em 539 a.C. e no séc. IV a.C. Alexandre o Grande derrotou os persas.

Com a vitória de Alexandre sobre os persas a Palestina se tornou parte do Império Macedônico. Com a morte de Alexandre em 323 a.C., seu reino viria a se dividir entre seus filhos e a Palestina foi alvo de disputas entre os reinos que resultaram dessa divisão. O importante é compreendermos que Alexandre tinha uma visão para os povos que conquistara: uni-los todos sob a influência da língua e da cultura grega, formando uma aldeia global.² Essa tentativa resultou no fato de cultura grega (helenismo) ser amplamente difundida sobre os povos conquistados.

O problema é que o helenismo pretendia se misturar com as culturas dos conquistados, fundindo-se a elas e isso para os judeus representava um perigo real: a mistura de conceitos politeístas ao monoteísmo das Escrituras. Dessa forma, havia judeus que eram mais simpatizantes a cultura helênica e outros que a viam como uma ameaça aos costumes judaicos e ao monoteísmo. Esse é um fato importante para entendermos as crises e divisões fora e dentro da igreja primitiva.

Foi justamente essa a causa de inúmeras revoltas, confrontos, insurreições e mortes na região da palestina nesse período. Esse confronto teve seu ponto alto em um tempo de vitória dos judeus no período dos Macabeus, quando os judeus liderados por Matatias Macabeu conseguiram alcançar certa autonomia política por meio da revolta, mas logo os judeus viriam a ser dominados pelos romanos em 63 a.C.

Quando o Senhor Jesus nasce, basicamente a Judéia (Palestina) está sob domínio dos romanos, que impõem a ordem com dureza, violência e medo. Ao mesmo tempo, os dominados precisavam pagar impostos e taxas. O clima como um todo era de insegurança, violência, opressão e medo.

Se politicamente o retrato era de um povo vencido e oprimido, religiosamente o cenário não era muito melhor. Havia diferentes partidos religiosos no tempo de Jesus e podemos vê-los nos Evangelhos, orbitando em torno de Jesus e levantando questões polêmicas. Os fariseus eram um partido religioso que vinha do povo e seus membros em geral não eram ricos nem abastados e tinham uma postura contrária a influência da cultura grega. Diferentemente dos fariseus, os saduceus eram em sua maioria gente rica e abastada, com conexões políticas com o regime romano. Havia ainda os essênios, religiosos mais radicais que teriam saído completamente do meio dos judeus comuns para formar uma comunidade próximo ao Mar Morto. Eles criam que o sistema estava corrompido e desejavam ser um remanescente fiel do povo de Deus.

O importante é destacar que Roma incentivava o sincretismo (mistura) religioso, pois era benéfico de seu ponto de vista que as pessoas pensassem que seus deuses, embora com diferentes nomes, na verdade

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.18

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.18

eram os mesmos deuses. Gonzalez destaca que o sincretismo era a moda religiosa da época³ e como podemos observar pelo mundo atual as modas estão sempre indo e vindo mesmo.

Assim, haviam várias religiões que cultuavam divindades diversas, com cultos aos deuses egípcios, persas, gregos, romanos e uma sopa sem fim de crenças, práticas religiosas e cultos. Neste ambiente a igreja nasce com uma difícilíssima missão: mostrar sua identidade especial e única frente a um mundo confuso e em mudança que procurava torná-la parte do sistema. A igreja deveria dialogar com esse mundo confuso e bagunçado mas não perder a si mesma nesse diálogo. Será que vivemos mesmo um momento diferente dos primeiros cristãos?

A igreja primitiva

A igreja primitiva nasce sob profunda influência das questões que estavam em seu entorno e mesmo com toda a sua unidade, havia também tensões causadas pela diversidade. A igreja primitiva nasce em Jerusalém e esta será a sede da igreja, dos apóstolos e da fé cristã por algum tempo. Os primeiros capítulos de Atos todos tem palco em Jerusalém: ali os apóstolos fazem milagres, pregam, curam e a igreja cresce e amadurece ao longo do tempo (At 1 a 5).

É importante destacar que nesse primeiro momento os apóstolos e a igreja como um todo não se viam como sendo um novo movimento ou uma nova religião. Por isso mesmo eles continuavam vivendo segundo as práticas judaicas: guardando o sábado e indo ao templo. Contudo, a igreja que vivia unida sob a fé de que Jesus era o Messias também apresentava no seu interior tensões e rupturas.

Ainda no início da vida da igreja vemos a disputa entre judeus que estavam mais abertos a cultura grega e os que eram contrários a ela em Atos 6. A narrador nos informa que um problema administrativo tinha um fundo ideológico: as viúvas do grupo de judeus de fala grega estavam sendo omitidas na distribuição dos alimentos (At 6.1). O texto dá a entender que as viúvas de fala hebraica estavam sendo privilegiadas e podemos ver como a igreja estava vivendo no seu bojo as tensões sociais e culturais que apareciam no seu entorno. Dessa forma, os apóstolos destacam e consagram como diáconos (servos) sete homens, dentre os quais destaca-se Estêvão, o primeiro mártir cristão (At 7) e Filipe (At 8).

Em seguida, em Atos 9 vemos a conversão de Paulo, que se tornaria o pilar de uma importante mudança do cristianismo primitivo: o avanço definitivo do cristianismo para fora e para longe de Jerusalém. De certa forma, a agenda de Jesus para a igreja estava se cumprindo: “Serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8).

Primeiro, Pedro tem seu encontro com o gentio convertido Cornélio por meio da orientação do Espírito Santo (At 10) e dá relato aos apóstolos (At 11). Ainda em Atos 11 vemos o surgimento dessa comunidade missionária, a igreja de Antioquia, na Síria, que vai ter um papel fundamental no envio de Paulo e Barnabé em sua primeira viagem missionária.

Paulo e Barnabé vão avançando por Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe (At 13 e 14). A medida em que avançam, Paulo e Barnabé pregam inicialmente nas sinagogas mas em seguida abrem sua proclamação aos gentios. Essa fórmula se repete a cada cidade e muitos gentios se convertem, a ponto de suscitar um debate dentro da igreja: Jesus veio também para os gentios?

Esse debate dá ocasião ao Concílio de Jerusalém (At 15), no qual os apóstolos e demais autoridades da igreja se unem para ouvir os relatos das conversões dos gentios e decidir como lidar com o fato de que Deus está chamando para unir-se a igreja pessoas que não provinham de um contexto judaico. O concílio compreendeu que esse movimento era do próprio Deus e formulou um documento que deveria ser enviado as comunidades com crentes gentios com instruções específicas para estes: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Abster-se de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem” (At 15.28,29).

A igreja estava avançando e lidando com as questões difíceis e com as tensões a medida em que avançava, lidando com pressões internas e externas, sobretudo na dependência do Espírito Santo.

³ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.22